



Desenho de isabel machado

Currículos Alternativos... com um cheirinho a Matemática

Alfredo Dias

Escrever sobre Currículos Alternativos nem sempre é fácil, se bem que este meu envolvimento que já dura alguns anos facilite um pouco a tarefa. Tudo se complica quando se pretende pôr o acento tónico numa disciplina mais específica, neste caso a Matemática. Esta tarefa assemelha-se a uma "Missão Impossível" quando a pessoa que escreve tem uma formação em História e ocupa uma fatia importante do seu tempo a estudar e a reflectir sobre problemas do passado.

Partilho contudo a ideia de que a História é algo vivo e não relíquias mumificadas de tempos remotos, que hoje são vistas apenas para satisfazer curiosidades ou dar prazer a uma espécie animal cada vez mais em vias de extinção, o "rato de biblioteca".

Quanto maior é o nosso conhecimento do passado mais longe podemos imaginar e construir o nosso futuro. Porque acredito no futuro e na capacidade que cada um de nós tem de se transformar, acredito nos projectos de Currículo Alternativo, enquanto estratégia facilitadora para que cada jovem não se conforme com um futuro que surge aos seus olhos com contornos mais ou menos pré-determinados.

Porque os Currículos Alternativos têm a ver com a Vida, tenho de ser levado a concluir que a Matemática desempenha um papel importante em todo este processo.

Como é evidente, partilho da ideia que nos dias de hoje está mais ou menos aceite por todos que não pode haver áreas privilegiadas de saber. E se isto é uma verdade generalizada, assume um particular relevo quando pensamos em projectos de Currículo Alternativo que devem usar as áreas "fortes" dos alunos como alavanca para a motivação e a

integração numa escola que se habituaram a rejeitar.

Mas, apesar de tudo isto, permitam-me dar um cheirinho particular à Matemática nesta minha reflexão, o q. b. indispensável para que este pequeno artigo seja digerido com o prazer de um bom manjar.

Como todos sabemos mas muitos esquecemos, a Matemática está presente nos actos mais simples do nosso quotidiano: o troco que se dá ou recebe numa loja, a explicação que damos a um transeunte perdido, o cálculo que o automobilista faz para saber o consumo do seu carro ou o cheque que preenchemos para adquirir um artigo são exemplos que todos conhecemos.

Neste sentido, não obstante as dificuldades que ainda podemos encontrar nalguns professores em ligar os currículos ao quotidiano, pensamos que lentamente esta está a ser uma das "boas práticas" que se tem generalizado nas aulas de Matemática.

Por outro lado, esta vertente relaciona-se com uma outra que está subjacente ao trabalho de um projecto de Currículo Alternativo, isto é, a tão apregoada interdisciplinaridade que é sempre tão difícil de pôr em marcha.

Sendo o Currículo Alternativo fundamentalmente uma "turma de projecto", reúne uma condição mínima mas preciosa para que esta articulação interdisciplinar se concretize, a saber: duas horas no horário comum de todo o Conselho de Turma para acompanhar o projecto.

As dificuldades têm a ver com hábitos de trabalho individual de muitos anos e um sentimento de posse exacerbado, que se traduz na linguagem de todos os dias: "a minha aula", "a minha Direcção de

A experiência dos Currículos Alternativos tem mostrado algumas potencialidades, não obstante todas as dificuldades e necessidades que são manifestas e reconhecidas por todos. Mas estas não podem ser o motivo que nos leva a desistir.

Turma", "os meus alunos". Enfim, ou "é tudo nosso" ou tudo isto não passa do insustentável peso de uma ilusão. O reverso da medalha é a responsabilidade que carregamos nos ombros por ter de encontrar uma resposta (se possível rápida e eficaz, tipo super-aspirina) misturada com sentimentos de culpa porque estes nossos desejos teimam em não se concretizar.

Por outro lado, sou muitas vezes confrontado com a dificuldade que os professores de Matemática experimentam em cruzar os seus conteúdos com os de outras disciplinas. Não se pode exigir que todos tenham uma fértil imaginação, mas penso que o que está por detrás desta dificuldade é um pouco mais profundo que isto. Dificuldade em partilhar saberes, dificuldade em nos confrontarmos com as nossas insuficiências e as do grupo, dificuldade em negociarmos objectivos comuns. Em suma, dificuldade em nos relacionarmos.

Uma outra área, mais complexa e difícil de trabalhar, pode ser protagonizada de uma forma particular pelos professores de Matemática. Uma área que diz respeito à socialização dos nossos jovens, às suas competências pessoais e sociais. Uma área que tem a ver com os valores, as atitudes e os comportamentos.

Mas o que é que a Matemática tem a ver com isto?

Como muito bem sublinha Bernard DeFrance⁽¹⁾ todos hoje sabemos, na sequência dos estudos desenvolvidos por Jean Piaget e outros psicopedagogos, que as estruturas mentais usadas nas operações matemáticas são as mesmas que o sujeito utiliza para a cooperação social.

Deste modo, as situações do nosso quotidiano que já tivemos ocasião de exemplificar exigem que a pessoa utilize esses mecanismos operatórios, onde sobressaem a reciprocidade, a reversibilidade e a descentração. Mecanismos fundamentais para sermos também competentes nas nossas relações sociais.

Quando os mecanismos de cooperação não são trabalhados na escola, e particu-

larmente na sala de aula, a compensação é feita na família. Quando trabalhamos em turmas de Currículo Alternativo sabemos que, geralmente, esta compensação não está assegurada, competindo então à escola complementar, educativamente, a função da estrutura familiar.

Neste âmbito, torna-se para todos evidente o papel que o professor de Matemática pode desempenhar, surgindo como *pivot* de uma equipa que assume como um dos seus objectivos de trabalho, a educação para os valores da cidadania que estão tão bem definidos na Lei de Bases do Sistema Educativo e que nós tão mal conhecemos ou tão facilmente esquecemos, porque nos deixamos afogar por conteúdos que os manuais (às vezes à revelia dos próprios programas) nos impõem.

Trabalhar a pares ou em grupo, descobrir soluções para problemas do dia-a-dia, ensinar a respeitar o saber e a ignorância de cada um, são formas de ensinar matemática e, simultaneamente, estamos a ir um pouco mais além. Estamos a tentar ajudar a crescer, pois não se ensina a solidariedade e a cooperação através de discursos mais ou menos bonitos ou empolgados. Esta aprendizagem faz-se através de gestos e de comportamentos vividos e partilhados por todos no nosso quotidiano. E a sala de aula, onde cada jovem passa cerca de 30 horas por semana, pode também ser utilizada para proporcionar essa aprendizagem.

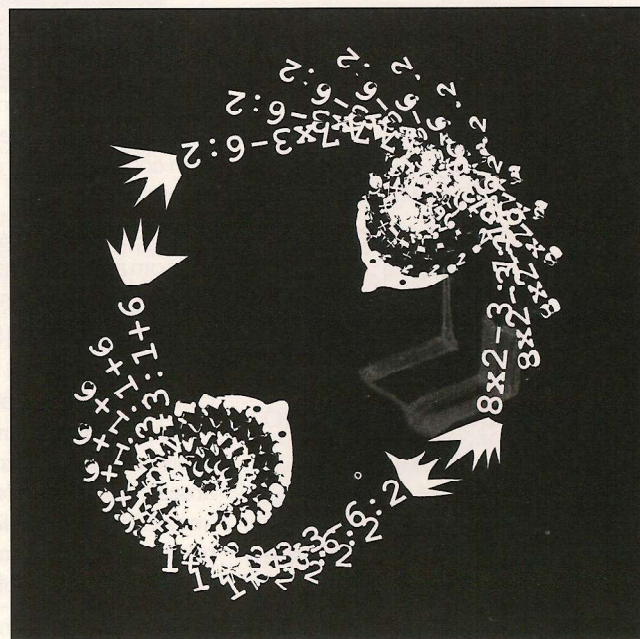
Desconheço a raiz quadrada da solidariedade. Não sei elevar ao cubo o respeito pelo outro. Creio, todavia, que é possível compreender o que é a raiz quadrada e aprender a potenciação em momentos de partilha onde aqueles valores estejam presentes.

E tudo isto se inscreve no currículo da Matemática...

Os projectos de Currículo Alternativo visam proporcionar o 9º ano de escolaridade a alunos que, por motivos vários, acumularam repetências sucessivas e encontram-se em risco de abandonar o Sistema Educativo. Há muito tempo que as escolas sentiam que a resposta disponível (o ensino recorrente nocturno) não era a mais adequada, quer porque aquele tipo de ensino não foi concebido para este tipo de jovens, quer porque a frequência do ensino nocturno agrava a situação de risco em que eles já se encontram.

Ao contrário do que muitos poderão pensar, os projectos de Currículo Alternativo não nasceram com o Despacho 22/SEEI/96 de 19 de Junho. Muito antes, algumas escolas, na busca de soluções mais adequadas, começaram a construir projectos de Currículo Alternativo, tendo por base o Despacho 178-A/ME/93 de 30 de Julho.

Foi para regulamentar este tipo de projectos avulso que foram surgindo nas escolas e ainda para garantir algumas condições mínimas de funcionamento (duas horas de reunião semanal para o Conselho de Turma e turmas com o



Desenho de Isabel Machado

máximo de 15 alunos), que surgiu o Despacho 22/SEEI/96.

Penso que, a pouco e pouco, esta experiência tem mostrado algumas potencialidades, não obstante todas as dificuldades e necessidades que são manifestas e reconhecidas por todos. Mas estas não podem ser o motivo que nos leva a desistir. Pelo contrário, são a razão pela qual devemos pugnar por um maior e melhor acompanhamento dos projectos, onde a formação dos professores assume um papel de destaque. Neste sentido, o convite recentemente endereçado pela DREL à Associação de Professores de Matemática, no sentido de garantir a formação dos seus professores envolvidos em

turmas de Currículo Alternativo, tem um significado especial. Merecendo esta associação toda a credibilidade do ponto de vista científico e pedagógico, pensamos que este caminho é o mais indicado para garantir uma formação de qualidade aos professores.

Mas, hoje, passados dois anos de implementação do Despacho 22/SEEI/96, é possível passar a uma segunda fase do nosso trabalho, pugnando por uma maior qualidade de todos os projectos. Esta depende do Sistema, na medida em que este deve melhorar as condições de trabalho dos projectos (particular realce para a atribuição de um reforço orçamental às escolas que assumem este desafio), mas depende também da

forma como cada escola assume estas turmas de Currículo Alternativo (particularmente, os Conselhos Directivos e os Conselhos de Turma).

Estamos longe da situação ideal. Assim esperamos continuar, pois é sinal que vamos elevando os nossos graus de exigência. Mas continuamos a acreditar que este é um caminho possível para contribuir para o sucesso educativo dos nossos jovens. Com os Currículos ligados à Vida.

Notas

¹Defrance, Bernard (1992). *La violence à l'école*. Paris: Syros Alternatives.

Alfredo Dias
Assessor da DREL

InforMAT

Começou a ser editada uma folha informativa da responsabilidade do Departamento do Ensino Secundário — *InforMat* — de periodicidade trimestral, dirigida por Domingos Fernandes, Director Geral do Ensino Secundário. O lançamento desta folha informativa, como consta na sua nota de apresentação, insere-se “no âmbito do conjunto de medidas destinadas a apoiar o desenvolvimento dos programas de Matemática” deste nível de ensino. O número 1, relativo a Janeiro/Março, foi já distribuído pelas escolas e, entre outros, contém textos como “Autoformação contínua - forma e função”, “Descobrimo Geometria” e “Matemática na Internet”, da autoria de, respectivamente, Arsélio Martins, Graziela Fonseca e Jaime Carvalho e Silva, autores que, conjuntamente, assinam ainda um artigo de opinião “O cumprimento e o comprimento do programa”.

Número temático de 1998

Não quer colaborar?

O número temático deste ano da revista *Educação e Matemática* sairá, como habitualmente, durante o ProfMat e incidirá desta vez sobre *Educação — Escola — Matemática*. Com certeza que ao longo do seu percurso profissional já viveu situações que o levaram a interrogar-se e a reflectir sobre esta trilogia. Vimos agora convidá-lo a partilhar essas vivências.

Envie-nos um texto relatando uma experiência que considere especialmente significativa. Poderá ser, por exemplo, a descrição de uma descoberta que fez, ou de um episódio que agradou especialmente aos seus alunos, ou de uma actividade que considere particularmente relevante para a sua formação global. Poderá ser também uma opinião sobre como outros professores vêem a disciplina de Matemática, ou pontos de vista dos seus alunos relacionados com a utilidade de aprender Matemática, ou ainda um testemunho sobre como equaciona o papel da Matemática na Educação e na Escola.

Não podemos, à partida, garantir a publicação no número temático, de todas as contribuições que surgirem, mas dê largas à sua criatividade e não deixe de escrever e de nos enviar a sua até ao próximo dia 5 de Setembro.

